

Dedico esta comunicação, ao meu psiquiatra Pedro Varandas, à minha querida dr<sup>a</sup> House, Isabel Colaço, médica de Medicina Interna, ao meu cirurgião, e a toda a sua equipa, Rui Macedo, não esquecendo todos quantos me ajudaram a vencer a morte primeiro na Unidade de Cuidados Intensivos e depois na Enfermaria de Cirurgia 5, do Hospital dos Capuchos.

E, para sempre, à Y.

À memória de Eduardo Prado Coelho

**O Entrevistador e o Entrevistado - Ou de como Eduardo Lourenço nos Devorou e nós o Devorámos**

"Sou como a água, sou indizível, eu não tenho cor"  
Eduardo Lourenço

Carlos Câmara Leme\*

1. Para não acabar esta comunicação com um toque de melancolia não poderia deixar de manifestar o desconforto por uma situação que há algum tempo trago comigo (e, inclusive já o escrevi), por algo que me é absolutamente incompreensível e, julgo, que sou acompanhado por muitos dos que estão neste Congresso Internacional: foi preciso esperar pelos 85 anos de Eduardo Lourenço não só para lhe prestar uma homenagem desta natureza mas, para lhe agradecer e, sobretudo, e mais importante, para pensar a sua obra.

Sejamos claros: só há muito pouco tempo se começou a reflectir sobre a obra de Eduardo Lourenço com cabeça, tronco e membros (1). É verdade que, em 1995, foi homenageado numa iniciativa da Câmara Municipal Municipal de Almeida, a que se seguiram outras iniciativas do género (entre elas a promovida pela Câmara Municipal da Maia, em 2003), sendo que a mais recente ocorreu já este ano, aquando da inauguração, na Guarda, da Biblioteca Pública Eduardo Lourenço.

E, talvez, mais importante do que as homenagens, foi a decisão da Gradiva ter iniciado, em 2000, a reedição dos seus livros, alguns dos quais completamente esgotados.

Contudo, não deixa ser, no mínimo estranho, que o primeiro doutoramento "honoris causa" tenha sido atribuído a Eduardo Lourenço, em 1995, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, tendo que esperar um ano - em que ganhou o Prémio Camões - para ver a sua instituição universitária dar-lhe semelhante grau onde foi assistente, entre 1947 e 1953, do Curso de Filosofia, do professor titular, Joaquim de Carvalho, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. E, em 1998, seria a vez da Universidade Nova de Lisboa a outorgar-lhe o doutoramento "honoris causa".

Por isso, este Colóquio Internacional não pode deixar de merecer todos os nossos aplausos.

2. Jornalisticamente falando, a entrevista é um momento de tensão/relação (ou não, pode acontecer que as duas partes envolvidas partilhem de um outro espaço, aquilo a que poderíamos chamar conversa), entre a pergunta/ponto de interrogação, exclamação, reticências ou mesmo silêncio quando não há palavras para exprimir o que um e outro pensam.

De uma maneira muito redutora - não há tempo para dizer tudo - ou há do lado do entrevistador uma certa acutilância, provocadora nalguns casos, ou um deixar que o entrevistado faça ele próprio as perguntas, ou seja, atire os foguetes, vá buscar as canas e bata palmas.

O que se passa com Eduardo Lourenço? Há quem diga que lhe perguntam as mesmas coisas e que ele responde à letra do mesmo modo. Enganam-se, redondamente, os que pensam assim. Quando o entrevistador lhe faz, propositadamente, a mesma pergunta mais do que uma vez não é porque seja preguiçoso ou, como se diz na gíria jornalística, não fez bem o trabalho de casa.

Pelo contrário: é muito estimulante "testar" o eterno sedutor que Eduardo Lourenço sabe que é. Confrontá-lo com o que disse há anos e confirmar (ou não) mais tarde o que ele pensa no presente, sobre um tema que já foi pensado no passado, dá-lhe imenso gozo. Eduardo

Lourenço tem uma consciência aguda do que estou a tentar mostrar.

Ainda este ano num trabalho que a jornalista Cristina Margato fez para o "Expresso/Actual", de 31 de Maio, Eduardo Lourenço deixou escapar o que, no comum dos mortais não é propriamente um pecado mas que, no caso de um pensador como ele, deixa-nos no mínimo perplexos: "As minhas incoerências são de bradar aos céus."

3. Começamos pela pose. Como é seu hábito, não vai directo ao assunto. Cheira a preza. Quer sentir o ar que o rodeia. Quer ficar a par das últimas dicas, e, porque não dizê-lo, das pequenas bisbilhotices, da praça lusa. Pode estar desfeito, depois de uma longa viagem de avião, de ter apresentado três comunicações - uma pela manhã bem cedo, outra à tarde e mais outra à noite - e está exausto. Não importa. Instala-se invariavelmente no Hotel Príncipe. Pede, é da praxe, desculpas pelo atraso. Senta-se. Passa o seu dedo indicador direito pelo nariz adunco e, qual leão, começa a enfrentar a fera, ou seja, nós os jornalistas. Na tensão/relação que se estabelece entre entrevistado e entrevistador, Eduardo Lourenço rapidamente condiciona o registo e de actor passivo passa a actor activo e marca os limites da entrevista. Qualquer que seja o tema. Mesmo quando se tenta - e, às vezes, consegue-se levar a rainha o mais longe possível - o jogo de xadrez acaba sempre por ter sempre um rei mais forte e invencível: Eduardo Lourenço.

É uma espécie de milagre: parece que já ouvimos ou que nos lembramos vagamente, ou de súbito, de outras entrevistas. Mas Eduardo Lourenço deixa-nos sempre perplexos: tudo volta a ser reequacionado, como se uma onda se tratasse, tudo volta à mesma praia, mas sobre a forma de uma outra vaga ainda mais acutilante, abrindo sempre uma nova janela. Nesses lances, obriga-nos a pensar mesmo quando discordamos do que pensa - o que é difícil, porque o seu pensamento, em formal de espiral (seja em livros, conferências, comunicações ou nas entrevistas), mesmo que por vezes sendo polémica, e não conformista, não tende para os

extremos. Pode pensá-los mas é porque opta sempre pelo seu programa de heterodoxo contra qualquer ortodoxia: "No plano do conhecer ou no plano do agir, na filosofia ou na política, o homem é uma realidade dividida. O respeito pela sua divisão é heterodoxia", escreveu Eduardo Lourenço em 1949 e, desde então, foi fiel ao seu programa na esfera do pensamento, da acção e da cultura portuguesas.

A verdade, é que desde que começou a erguer a sua obra que já nos devorou a todos e já escreveu sobre todos os temas que directa ou indirectamente têm que ver com o nosso passado, presente e futuro (ainda que seja mais sobre a nossa historicidade em que se move melhor...). Não o esconde. Não tendo possibilidade de ser exaustivo, escolhi um trecho de uma entrevista que deu ao "Público" quando fez 80 anos. E cito: "Sobretudo o que eu quis fazer sem querer de uma maneira determinada, mas que pouco a pouco se foi precisando, foi uma espécie de compreender o imaginário português. O que é que nós somos. Nós somos aquilo que sonhamos, os mitos que construímos. Qual é a mitologia portuguesa? Em função de que horizonte é que a cultura portuguesa tem funcionado? O que ela tem de particular? Isso só se compreende examinando os vestígios disso que é a poesia, a ficção."

(2)

4. Devo confessar que roubei ou devorei se quiserem, o título e a forma da minha comunicação a Eduardo Lourenço, aquando da apresentação da "Pessoana", em que ele nos interrogou: foi Fernando Pessoa que nos devorou ou fomos nós que o devorámos. Nesta história quem é que se enganou - nós ou ele?

O que se passa na relação que Eduardo Lourenço tem com que o lê e ouve, faz com que nós, por osmose, também o devoremos. Mais implícita do que explicitamente, nós devoramos Eduardo Lourenço. Mesmo que não se sinta a vaga sagrada da cultura portuguesa, foi criando um imenso caleidoscópio que, à medida que se foi impondo, também vai tendo um ponto de fuga maior: a obra de Fernando Pessoa. Aqui não há ponto de retorno.

É um caleidoscópio imaginado e imaginário que, de entrevista em entrevista, se vai tornando cada vez mais luminoso e ofuscante. É esse caleidoscópio que, sugiro, uma aproximação à sua obra na forma de entrevista. São múltiplas as referências que faz ao autor de "Mensagem". Chega mesmo a confessar, como o fez a José Carlos de Vasconcelos, em Maio de 2003, que, e cito, "a obra em que estou mais presente, embora através de outro, é no 'Fernando Pessoa Revisitado', escrito num impulso pulsional, em 23 dias. Nesse livro está tudo o que penso e sou, falando da forma mais distanciada e íntima de mim próprio. É o meu romance. Quem o leu bem foi o Carlos de Oliveira, que me disse: aquele, és tu" (3).

A marca da nossa voragem, na relação que mantemos com Fernando Pessoa através de Eduardo Lourenço, é de tal forma fascinante que na "Pessoana", a monumental obra organizada por José Blanco editada este ano pela Assírio & Alvim, a marca de Eduardo Lourenço é esmagadora: contam-se noventa e três verbetes (entre livros e artigos) a que se tem que acrescentar que, num total de 170 menções, Eduardo Lourenço é citado setenta e sete vezes. Não há volta a dar: se para pensar Portugal, a sua identidade, os Descobrimentos, a Literatura, a política, o Estado Novo, a Europa e Nós, temos que o ler. Acontece que, para passar por Pessoa, temos que tropeçar obrigatoriamente em Eduardo Lourenço e, com isso, estamos furiosa ou paulatinamente a devorá-lo.

De certo modo, podemos ler em cada um dos seus ensaios, ou em cada uma das entrevistas que dá, o lugar que Pessoa ocupa sempre na sua obra: um lugar central, uma modalidade intrínseca quer à heterodoxia como à heteronímia.

Esta minha aproximação, ganha uma outra dimensão, mais iluminante e fundamentada tese, na obra incontornável de Maria Manuel Baptista, "Eduardo Lourenço. A Paixão de Compreender", segundo a qual o ensaísmo de Eduardo Lourenço é "de influência primordialmente pessoana, é um eu

dividido que nega, reflecte, critica e problematiza". Mais: trata-se de "um estilhamento que não é mera formalidade estilística ou psicológica, mas que é mais profundo, pois atinge os domínios do existencial e do ontológico" (4).

É o próprio Eduardo Lourenço que o confessa: se no número especial da revista "Prelo" de Maio de 1984, disse que era "um místico sem fé" e que gostaria de "estar num convento e ter como superior Álvaro de Campos" (5), na entrevista já citada que deu ao "Público" (6) o seu superior já não é nenhum heterónimo: "só Pessoa".

O poeta, do "Livro do Desassossego", que bem poderia ter escrito que era como a água, indizível e sem cor...

1.AA.VV., "Sobre Eduardo Lourenço", revista "Prelo" (sob a direcção de Diogo Pires Aurélio), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Maio, 1984.

BAPTISTA, Maria Manuel, "Eduardo Lourenço. A Paixão de Compreender", Porto, ASA. 2003.

CRUZEIRO, Maria Manuel, "Eduardo Lourenço. O Regresso do Corifeu", Lisboa, Editorial Notícias, 1997.

GIL, José e CATROGA, Fernando, "O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço", Relógio d'Água, Lisboa, 1996.

MESQUITA, Mário, "Eduardo Lourenço - Cultura Política na Época Marcelista. Entrevista", Lisboa, Cosmos, 1996.

REAL, Miguel, "Eduardo Lourenço - Os Anos de Formação (1945-1958)", Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003;

- "O Essencial sobre Eduardo Lourenço", Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003;

- "Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa (1949-1997)", QuidNovi, Lisboa, 2008.

2. "Pública", nº 364, 25 de Maio de 2003 (entrevista conduzida por

Adelino Gomes e Carlos Câmara Leme).

3. "Visão", nº 533, 22 a 28 de Maio de 2003 (entrevista conduzida por José Carlos de Vasconcelos).

4. BAPTISTA, Maria Manuel, "Eduardo Lourenço. A Paixão de Compreender", Porto, ASA. 2003, pág., 84.

5. AA.VV., "Sobre Eduardo Lourenço", revista "Prelo" (sob a direcção de Diogo Pires Aurélio), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, Maio, 1984.

6. "Pública", nº 364, 25 de Maio de 2003 (entrevista conduzida por Adelino Gomes e Carlos Câmara Leme).

\*Jornalista e autor do trabalho de final de curso "O Tempo na Obra de Eduardo Lourenço - Uma Aproximação", apresentado no âmbito do seminário de Licenciatura "Do Tempo e da Eternidade", no ano lectivo de 1985-1986, na Secção de Lisboa da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

--